

O Brasil é otário

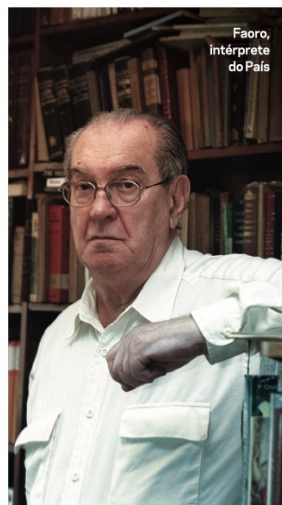
Uma profética e ainda oportuna entrevista de Raymundo Faoro, autor de *Os Donos do Poder*, concedida na virada do século

Raymundo Faoro acabou de ingressar na Academia Brasileira de Letras quando concedeu esta entrevista a *CartaCapital*, publicada na edição 137, de 6 de dezembro de 2000. Na conversa, revisita a tese central de seu clássico *Os Donos do Poder*, de 1958, obra que busca na dinastia de Avis as raízes de uma sociedade na qual o poder público é exercido, e usado, como se fosse privado. Faoro, morto em 2003, não à toa era chamado de profeta, como se pode conferir nos trechos da conversa com Mino Carta e Bob Fernandes.

CartaCapital: Se lhe contassem há 20 anos que o senhor seria da Academia Brasileira de Letras, acreditaria?

Raymundo Faoro: Vinte anos, 1980. Nessa época já me convidavam, de modo que não seria estranheza. Devo dizer que nesses 20 anos me convidaram umas seis ou sete vezes, sempre com a garantia da maioria. Eu tenho um amigo muito leal, um excelente amigo, o Josué Montello, que, sempre que se dava uma vaga, a primeira pessoa de quem ele se lembrava era de mim. Uma vez me telefonou até de Paris. E eu sempre arrumava um pretexto: contra esse não concorro, não estou com saúde para a Academia etc.

CC: Sempre penso no extraordinário exemplo de Fernando Henrique que, aos 20 anos, já sabia que seria



Faoro, intérprete do País

"PROFETA É A PESSOA QUE TEM UMA MENSAGEM E QUE VEM PARA DIZER ALGUMA COISA. E QUE VEM, ATÉ MESMO, PARA FAZER A CRÍTICA"

presidente da República ou, no mínimo, papa. O senhor, aos 20 anos, não pensava na Academia?

RF: Não, absolutamente. Ao contrário, se me falassem disso, eu considerava até um insulto.

CC: O senhor sabe que nós lhe atribuímos dons proféticos.

RF: Eu li um livro, há pouco tempo, em que me atribuem esse dom, um livro que significou uma estreia para mim, eu estreei como personagem, o que nunca tinha sido.

CC: Quando das inúmeras entrevistas que a gente já fez com o senhor, sempre verificamos, tempos depois, que o senhor tinha previsto o que iria acontecer.

RF: O profeta não é exatamente o que prevê coisas. Isso é uma tradição tardia na história do judaísmo. Profeta é a pessoa que tem uma mensagem e que vem para dizer alguma coisa. É esse o sentido originário da palavra. E que vem, até mesmo, para fazer a crítica. Os profetas tinham incolumidade. Tanto que foi um escândalo quando foi morto João Batista. Ele vinha fazer a crítica em termos ásperos e foi morto. Isso foi uma violação da imunidade dos profetas, que vinha desde o começo do judaísmo.

CC: O seu *Os Donos do Poder* é um livro de alguma forma profético no sentido de que, lendo-o, o senhor consegue imaginar tudo o que aconteceu depois.

RF: A razão é simples, não pelo fato de eu ter adivinhado. Eu suspeito que Hegel,

quando diz que a história começa com o Estado, quis dizer que a história começa quando o Estado passa a ser o agente ou o aval, o amparo da sociedade civil. Esse é o momento em que a história começa. Como eu acho que aqui a história, pelo menos a história da democracia, ainda não começou, não é muito difícil prever coisas, prever que daqui a poucas coisas estarão como estão hoje. Os personagens são sempre os mesmos. Sabemos, por exemplo, que há um componente sempre salvador na sociedade, que é massacrada e que é, como dizia Capistrano há cem anos, "sangrada e capada": naquele tempo eram 400, hoje são 500.

CC: Houve um momento em que o Brasil poderia embocar por um caminho destinado a levá-lo, ainda que lentamente, à contemporaneidade?

RF: Acho que houve esse momento no fim da Colônia, na hora da Independência. Na hora da Independência, as forças econômicas que estavam por trás daquilo queriam se emancipar e foram controladas por um príncipe, por uma nobreza, por uma casta militar, um estamento militar que resolveu, em nome da ordem e da estabilidade, destruir todos os elementos revolucionários. Isso culminou na década de 1830, quando o poder conservador se estabeleceu de uma

1964. Com ou sem ditadura, avaliava Faoro, a situação econômica e social teria se configurado da mesma maneira

maneira definitiva, formando um cânone. Esse problema não é só do Brasil. Quase toda a América Latina sofreu esse processo, quer dizer, os liberais fizeram a revolução e depois os conservadores os afastaram.

CC: Como o senhor analisaria nessa moldura o golpe de 1964?

RF: Acho que ele está mais ou menos nessa linha, mas o golpe é a retomada



ADRIANA LORETEW

de um Simão Bacamarte que estava silencioso lá na cidade dele e foi chamado para o centro dos acontecimentos e definiu quem era esquerdista e quem era conservador. Quem era esquerdista, evidentemente, estava conspirando contra a Pátria. Aliás, a expressão "pátria" cabe muito em 1964, foi o auge do patriotismo.

CC: E se as coisas tivessem caminhado sem golpe? Vamos admitir numa hipótese fantasiosa, mas vamos admitir.

RF: Não haveria repressão, mas, na política econômica e social, a diferença não seria muito sensível. O Jango, na hora em que estivesse com o poder pleno, eu diria que teria de condescender com os industriais, com os latifundiários, sobretudo com a burocracia, e faria um governo dando uma coisa para tirar logo adiante e tirando uma coisa para dar logo adiante. Seria apenas mais flexível e, provavelmente, não teria havido essa repressão. Não acredito que fosse caminhar para a esquerda, para um socialismo, para o comunismo ou para o sindicalismo.

CC: O senhor acompanhou bem aquelas greves em São Bernardo, esteve no palanque de Lula, em 1980, e ficou a par de todo aquele processo que acabou gerando o PT. Como o senhor o via então e como o vê hoje, o PT?

RF: Devo dizer que fui um entusiasta da criação do PT, porque me parece que a chave da democracia está em torno de um partido operário capaz de fazer a crítica do conservador e também capaz de evitar ou controlar o chamado liberal, na verdade conservador, apele para os quartéis. Evidentemente, é um partido que se desintegrou em muitos grupos e que talvez prematuramente servisse, como Jango servia, aos conservadores que, por exemplo, elegeram um Fernando Collor porque tinham medo de Lula. Mas acho que isso é uma passagem, uma transição.

CC: Seis anos de governo de Fernando Henrique Cardoso. Como definir, se é que é possível, esse tempo?

RF: Acho que não tem definição. O sexto



ano de governo é como se fosse o primeiro ou como se fosse o oitavo, não tem novidade nenhuma. Ele começou fazendo uma coisa que acho muito benfeita e que foi o controle da inflação pelos meios que foram usados. Contrariando a opinião de todo mundo, acho que ele evitou a crise bancária, não com o Cacciola, mas antes, com o Nacional e com o Banco da Bahia. Custou muito em popularidade, mas acho que seria pior para o Brasil se acontecesse isso. No resto ele tem sido um burocrata aplicado, às vezes até tem feito o papel que não é propriamente o do bom moço. Quando segura na mão da Vera Fischer, é o lado simpático, não estou falando mal desse gesto. O governo dele tem mais aspectos pitorescos do que inovadores.

CC: O senhor acha que se acentuou a nossa dependência dos Estados Unidos?

RF: Brutalmente. Essa globalização é o papel que estão fazendo os países subdesenvolvidos, o papel de otários. O Brasil está desempenhando esse papel impecavelmente, é um otário para ninguém botar defeito, um país otário.

CC: Principalmente do ponto de vista da cultura e do conhecimento, o Brasil de hoje em comparação com o Brasil de 50 anos atrás, não está claro que regredimos muito?

RF: De 50 anos para cá, dou só um exemplo: o teatro era muito concorrido e se levavam os grandes autores como Pirandello, Shaw, Molière, e hoje eu não vejo mais isso.

CC: A produção cultural brasileira de 50 anos atrás era melhor do que hoje? Há 50 anos o senhor ainda não escrevera *Os Donos do Poder*, que é de

1958, mas o Guimarães Rosa estava aí, o Graciliano estava aí, o Gilberto Freyre estava aí, o Sérgio Buarque estava aí.

RF: Hesito um pouco nesse campo, porque não conheço os autores novos. Alguns são excelentes contistas, ainda não realizados. Daqui talvez dez anos teremos gente da mesma categoria.

CC: Então houve um buraco aí.

RF: Houve um buraco. Mas estas ondas existem sempre, considerando que o País



Disputa. Faoro temia que o PT servisse aos interesses da casa-grande. O governo de FHC era mais "pitoresco que inovador" e levou o Brasil a se portar como otário

hoje está voltado para outros valores. Você vê que o nosso autor mais popular e que mais vende é um autor que supõe fazer chover no Ceará, que se supõe um mago. Quer dizer, os valores são outros. O que se está procurando é uma coisa diferente e que não sei realmente o que é. Também houve uma derrocada nesses últimos anos de muita coisa em que se acreditava, quer dizer, a história dessa decepção ainda não entrou na literatura. Houve uma mudança brutal na alma brasileira que ainda não identificamos.

CC: E para aonde caminhamos?

RF: Devemos chegar ao ponto de confluência entre Estado e sociedade civil.

Acho que se vai chegar lá, não sei quando nem com que personagens.

CC: O senhor prevê um desfecho violento?

RF: Não vejo as massas se levantando com um cavaleiro na frente de cavalo branco.

CC: Mas já se trava uma guerra civil não declarada. Ou não?

RF: Isso é óbvio, eu percebo. Basta passar na rua que você verá, não gente rica, mas gente como a minha passadeira, por exemplo, que não tem segurança, que tem de cercar a casa, ou o apartamento de quarto e sala, senão vão lá e roubam tudo ou ocupam. É evidente que há isso, sobretudo em São Paulo e no Rio.

CC: Isso não vai acabar criando uma tensão capaz eventualmente de gerar alguma turbulência maior?

RF: Talvez aí se esgote a política de conceder alguma coisa para ficar com tudo. Talvez isso um dia se esgote e aí não só o salário mínimo deva ser aumentado — isso é um paliativo —, mas também um sistema de distribuição de renda. •

"ESSA GLOBALIZAÇÃO É O PAPEL QUE ESTÃO FAZENDO OS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS, PAPEL DE OTÁRIOS. O BRASIL É UM OTÁRIO PARA NINGUÉM BOTAR DEFEITO, UM PAÍS OTÁRIO"

VANDERLEI ALMEIDA/AFPE WILSON DIAS/ABR